



ARTIGO

AUDIODESCRIÇÃO NO FUTEBOL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS LOCUÇÕES RADIOFÔNICA E TELEVISIVA NO JOGO VITÓRIA X CEARÁ⁴⁶

Marcos Alexandre Sena

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil

m.alexandre.sena@gmail.com

Bruna Leão

Universidade Estadual do Ceará (UEC), Brasil

b.matilde@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v4i1.29976>

Recebido em: 15/03/2020

Aceito em: 04/08/2020

Publicado em dezembro de 2020

RESUMO: o presente trabalho aborda dois momentos de uma mesma partida (Vitória x Ceará, válida pela 6ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A 2018), a partir de dois vieses diferentes: a locução radiofônica e a locução televisiva, contemplando as duas transmissões apresentadas. O objetivo é, desta maneira, identificar as lacunas (das locuções aqui destacadas) que a locução audiodescritiva possa preencher, a fim de discutir a falta de acessibilidade nas transmissões esportivas nacionais. Com base nas análises efetuadas, é possível afirmar que as locuções radiofônica e televisiva podem, sim, ser um recurso para as pessoas com deficiência visual (PcDVs), porém, não em sua totalidade. Para estas, mas não de forma exclusiva, há a opção da locução audiodescritiva, apoiada em detalhes realmente voltados ao seu público-alvo.

Palavras-chave: *Audiodescrição, Acessibilidade, Deficiência visual, Futebol, Locução audiodescritiva.*

AUDIO DESCRIPTION IN FOOTBALL: A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN RADIOPHONIC AND TELEVISION NARRATION IN THE MATCH VITÓRIA VS. CEARÁ

ABSTRACT: this work thus covers two sets of one match (Vitória vs. Ceará, on the 6th round of the Series A of the Brazilian Football Championship 2018), from two different biases: the radio locution and the television locution, by analyzing both transmissions. The intention is, in this way, to identify the gaps (of the locutions here highlighted) that the audio-descriptive commentaries can fill, to discuss the lack of

⁴⁶ Este trabalho é uma adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Silva (2018), à época, orientado pela Prof.^a Dr.^a Bruna Leão.



accessibility on national sportive transmissions. Based on the analysis made, it is possible to affirm that the radiophonic and the television narrations can be, indeed, a resource for people with visual impairments, but not in its totality. For these, but not exclusively, there is the option of audio descriptive sports narration, supported by details that are really geared to its target audience.

Keywords: *Audio description, Accessibility, Visual disability, Football, Audio descriptive commentaries.*

Introdução

Num de seus conceitos (este, bastante disseminado), a audiodescrição (também chamada de AD) é compreendida como uma transformação de imagens em palavras (FRANCO; SILVA, 2010). Em adendo, é possível afirmar que se trata de uma modalidade de tradução intersemiótica – de acordo com o conceito sugerido por Roman Jakobson, em 1959, em “Aspectos linguísticos da tradução”. Na obra em questão, o autor propõe uma tríade tradutória: tradução interlingual, tradução intralingual e tradução intersemiótica. A primeira envolve duas línguas diferentes; a segunda acontece dentro de uma mesma língua, como na adaptação de clássicos da literatura para uma linguagem infantil mais facilitada; a última, por sua vez, envolve dois signos diferentes, o verbal e o não-verbal, por exemplo, a passagem de uma obra literária (verbal) para o cinema (não-verbal).

Como em espetáculos de dança ou teatrais, concertos musicais e manifestações artísticas em geral, a audiodescrição para o futebol acontece de forma simultânea ao espetáculo, ao acontecimento. Sobre tal modo em AD, também dito “ao vivo”, Franco e Silva (2010) contam que, em 1994, a audiodescrição passou a ser ofertada em óperas, nos EUA, contando com o contexto inesperado: a obra *Madame Butterfly* foi audiodescrita pelo *Metropolitan Washington Ear* para a companhia Washington Opera. Nesta seara de AD simultânea, destacando a audiodescrição voltada para o futebol, instrumento norteador deste trabalho, cabe ressaltar que certos eventos de tal esporte foram marcados pela opção da audiodescrição – como, a nível mundial, as Copas do Mundo da Alemanha, Japão e Coréia, África do Sul, Brasil e Rússia (BLOG DA AUDIODESCRIÇÃO, 2018, on-line).

A Copa do Mundo de 2014, realizada em solo brasileiro, contou com AD somente em quatro estados, segundo a Federação Internacional de Futebol (FIFA, 2014, on-line): Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, respectivamente,



no Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, no Estádio Governador Magalhães Pinto, mais conhecido como Mineirão, na Arena Corinthians e no Estádio Nacional de Brasília, o Mané Garrincha. Neste mesmo ano, houve a primeira partida nacional audiodescrita – que deu origem ao trabalho de Costa, um ano mais tarde, em 2015: Ceará x Portuguesa, partida válida pela Série B (ou Segunda Divisão) do Campeonato Brasileiro.

Depois, em 2016, houve o primeiro jogo da Série A (ou Primeira Divisão) do Campeonato Brasileiro a ofertar o recurso da audiodescrição, Palmeiras x Atlético (PR), no Allianz Parque, em São Paulo (GUERRA; VARDIERO; PASCHOALINO, 2016). No ano seguinte, o Estádio Castelão, em Fortaleza, ofertou o projeto Esporte Acessível, em parceria com o Ministério Público Federal no Ceará (MPF-CE), Secretaria do Esporte do Estado, Instituto de Cegos e empresas privadas, além dos principais times do estado, Ceará e Fortaleza (REBOUÇAS, 2017, on-line).

Neste cenário, as duas primeiras iniciativas realizadas no Brasil resultaram nas duas primeiras pesquisas nacionais envolvendo audiodescrição e futebol⁴⁷: as partidas realizadas em Fortaleza e os jogos da Copa do Mundo de 2014. Trata-se, assim, (1) da dissertação de Costa (2015) e (2) do trabalho de conclusão de curso de Leite (2016). A primeira, a de Costa (2015), objetivou comparar a eficiência de locuções, quando voltadas às pessoas com deficiência visual, com o uso somente da AD (a locução audiodescritiva) e com a utilização da simultaneidade entre audiodescrição e irradiação. O autor explica que foram 8 PcDVs, divididos, igualmente, em dois grupos. No primeiro tempo, um grupo fez uso da audiodescrição e do rádio, simultaneamente, enquanto o segundo usou apenas a audiodescrição (ou a locução audiodescritiva); depois do intervalo do jogo, no segundo tempo, a situação foi invertida.

Em termos de resultados, a tabela seguinte apresenta um resumo das conclusões da pesquisa, comparando a melhor forma de transmissão para as PcDVs – apenas a locução audiodescritiva, apenas a irradiação ou a simultaneidade das duas transmissões:

⁴⁷ Em âmbito nacional e internacional, tem-se a seguinte cronologia de trabalhos publicados que envolveram audiodescrição e futebol: Michalewicz (2014); Costa (2015); Leite (2016); Guerra e Vardiero e Paschoalino (2016); Silva (2018); Costa e Araújo (2019) – bem como o do CAFE (Centre for Acces to Football in Europe) (2019).



Tabela 1 – Avaliação do *feedback* dos usuários

Pergunta	Audiodescrição	Irradiação	Os dois áudios
Usa pausas de forma apropriada	42,86%	14,28%	42,86%
O ritmo da fala é apropriado ao gênero esportivo	57,13%	28,58%	14,29%
O tipo de voz é adequado ao gênero esportivo	14,29%	57,14%	28,57%
A velocidade da fala é apropriada	57,13%	28,58%	14,29%
O volume da voz é adequado	42,86%	14,28%	42,86%
A articulação é adequada	42,86%	42,86%	14,28%
O tipo de locução é adequado	14,29%	28,57%	57,14%

Fonte: extraído de Costa (2015, p. 68)

De acordo com a tabela apresentada, os usuários (em geral) entenderam que a audiodescrição ou os dois áudios juntos usam pausas de forma apropriada; mais de 57% entendeu que o ritmo da fala da locução audiodescritiva é a mais apropriada ao gênero esportivo; em relação ao tipo de voz mais adequada ao gênero esportivo, o resultado se inverte e aponta para a irradiação; sobre a velocidade, a maioria dos usuários entende que a da audiodescrição é a mais apropriada; o volume mais apropriado pertence à audiodescrição ou às duas transmissões juntas; a articulação é adequada nas duas transmissões, na locução audiodescritiva ou na locução via rádio, separadas; por último, os usuários entenderam que o tipo de locução mais adequada é a partir da utilização concomitante dos dois áudios. Em linhas gerais, a partir de tal levantamento, é possível compreender que a locução audiodescritiva foi bem aceita pelo público participante da pesquisa, porém, ainda não como uma opção ideal para acompanhar uma partida de futebol.

A segunda pesquisa na área, por sua vez, a de Leite (2016), teve o objetivo de desenvolver “um guia prático para a formação de novos narradores audiodescritivos de futebol” (LEITE, 2016, p. 23) – que serviu como base para o presente trabalho. Neste sentido, a autora explora temas importantes, como a seleção de narradores, a qualidade técnica da transmissão e a dinâmica da locução. De acordo com Leite (2016), parte-se, então, de uma perspectiva prática, apoiada na investigação-ação.



Em relação às partidas indicadas no trabalho, estas foram transmitidas via rádio, por Frequência Modulada (FM), diretamente dentro dos estádios. Tal tipo de transmissão traz uma questão importante: aqui, não há limitação dos lugares – em outras palavras, as PcDVs puderam acompanhar as partidas de qualquer parte do estádio, podendo, inclusive, interagir com outros torcedores. Porém, a situação pode se tornar complexa, quando pensada em termos de informações espaciais, pois pode haver uma dificuldade, por parte dos usuários da AD, em identificar, por exemplo, o lado de ataque de um time, já que as PcDVs podem estar à esquerda ou à direita do narrador audiodescritivo – referência na transmissão acessível.

2 As (consagradas ou não) locuções esportivas

2.1. A locução radiofônica

A transmissão via rádio se utiliza de algumas ferramentas, como “as frases curtas, os verbos de ação, os efeitos sonoros, a maneira como ocorre a participação dos membros da equipe esportiva” (SILVA, 2008, p. 10) – o que pôde ser comprovado nos dois momentos selecionados para este trabalho. Ainda sobre a locução radiofônica, Silva (ibid., p. 44) afirma que esta “tem características próprias, que vão além do improviso natural (que acontece em qualquer locução simultânea), como o uso de *metáforas*, *apócopes*, a velocidade e a *forma* como as palavras são pronunciadas”. Destaca-se, assim, a importância do locutor ao longo do processo (seja ela na locução audiodescritiva ou nas locuções radiofônica e televisiva).

Como bem define Soares (1994, p. 61),

A narração [locução] do jogo é o centro do espetáculo proporcionado pelo rádio esportivo. Para enriquecê-la, os locutores investem na criação de códigos de fácil compreensão por quem tenha um conhecimento prévio do futebol (dimensões, desenho do campo, posição e formato do gol, regras do jogo). Com essa linguagem repleta de expressões muitas vezes engraçadas e redundantes, eles recriam o ambiente e os movimentos da partida, acrescentando-lhes entusiasmo e multiplicando suas ações.

A transmissão radiofônica parece não diferir totalmente da seguinte, a transmissão televisiva esportiva, em relação ao espectador com deficiência visual –



apesar de ser a preferida por tal público, principalmente pelo critério da emoção na locução, segundo o estudo de Costa (2015) e Leite (informação verbal)⁴⁸. Por meio destes, é possível afirmar que a locução esportiva radiofônica pode, sim, auxiliar na compreensão do público com deficiência visual, pelo simples fato de criar acessibilidade pela oferta da transmissão, ainda que o auxílio não aconteça em sua totalidade. Ratifica-se, no entanto, que se trata de uma transmissão esportiva amplamente voltada para normovisuais, repleta de restrições ao público que reivindica alguns detalhes a mais, como a expressão facial do jogador que perde um (improvável) gol ou os movimentos gestuais de um técnico à beira do gramado.

2.2 A locução televisiva

As locuções esportivas televisivas são pautadas unicamente por imagens transmitidas, provavelmente redundantes, uma vez que o locutor descreve, sem detalhes, o que o espectador enxerga. Assim, Guerra (2006, p. 7-8) explica que

As primeiras partidas transmitidas pela televisão eram consideradas sem muita emoção, monótonas. Isso era atribuído ao fato de os locutores tentarem dar uma nova forma de narração, que diferenciasse do rádio. Além disso, havia o fato dos primeiros recursos (duas câmeras, normalmente) para a cobertura de um jogo serem considerados limitadores da disponibilidade de imagens e de alternativas para a narrativa, sempre presa ao que o telespectador estava vendo.

Numa transmissão de tal tipo, tem-se, hoje, a opção de recursos visuais, como os movimentos da câmera, o congelamento de imagens, a medição de posicionamento dos jogadores, por meio de computação gráfica (quando em momentos polêmicos), o *replay* (a repetição de um momento), dentre outros – e cabe aqui ratificar a distância encontrada de todo esse universo para as PcDVs. Como explica Guerra (2006, p. 13),

Sem o recurso da fantasia, do ‘direito de mexer com o imaginário’ do telespectador apenas com as palavras, como o rádio sempre fez com sucesso, a televisão adotou como recurso a disponibilização para seus

⁴⁸ Informação fornecida por Mauana Leite, em sua mesa redonda, no 3º Encontro (Inter)Nacional de Audiodescrição, em Recife, Pernambuco, em abril de 2017.



narradores [locutores] e repórteres de um banco de dados muito grande, tornando a transmissão cheia de números.

Apesar de haver uma diferenciação, é possível afirmar que há influência da locução do rádio na locução televisiva, fazendo com que esta seja, por vezes, apenas redundante, descrevendo o que está na tela e nada mais (MOTTA, 2012). Há, portanto, como afirma Schetini (2006), a repetição de informações que estão sendo vistas. Aqui, é possível recordar nomes como Galvão Bueno, Luciano do Valle, Walter Abrahão, Cléber Machado, Sílvio Luiz. Sobre este último, Guerra (2006, p. 10) afirma que ele

trouxe para a transmissão do futebol na TV o comportamento do torcedor da arquibancada e do que vê o jogo pela televisão e comenta com quem está ao seu lado ou sozinho. Ele cria, inclusive, um diálogo com o telespectador. Ao contrário de descrever cada jogador que tocou na bola e de utilizar a redundância, já apontada neste trabalho como um aspecto negativo da narração televisiva, ele apresenta um estilo que foge ao óbvio.

Ainda sobre este mesmo locutor, Motta (2012, p. 36) aponta uma entrevista concedida ao jornalista Benjamin Back, em outubro de 2011, na qual Sílvio Luiz fala sobre sua forma de encarar seu trabalho, bem como seu estilo de locução:

Eu não transmito para cego. O cara que está sentado em casa está vendo a televisão, então não preciso dizer que o cara cabeceou, chutou com a direita. Eu nunca gritei *gol* na minha vida, não preciso. Eu sou, na realidade, um legendador de imagem. Eu boto legenda naquilo que eu estou vendo.

Ainda que se trate de um dos maiores nomes do rádio esportivo brasileiro, é possível afirmar que o que pode ser entendido como o diferencial de Sílvio Luiz (sua forma de narrar, pautada, inclusive, em expressões coloquiais), quando pensado para PcDVs, é prejudicial, já que há uma enorme perda sobre o que se passa naquele momento da partida. A informação é transmitida de outra forma, não habitual, o que faz com que seja possivelmente prazeroso para um normovisual, mas não para uma PcDV. De fato, é possível afirmar que se trata de uma transmissão totalmente voltada para normovisuais, distante de pensamentos direcionados à acessibilidade.



2.3 A locução audiodescritiva

Apesar do entendimento inicial de neutralidade narrativa na audiodescrição, também havia quem questionasse tal pensamento e que entendesse que, ao contrário, a locução audiodescritiva deveria conter “alegria, ironia, ou ainda tristeza, ou mesmo medo, mas sempre com tamanha sutileza que ela se integr[asse] ao filme sem ser percebida” (POZZOBON, 2010, p. 114). Ainda assim, uma forma de cercar o profissional da área, como alertam Silva e Barros (2017, p. 162), “como se fosse possível evitar qualquer tipo de interpretação por parte do audiodescritor”, pois, como qualquer modalidade de tradução, a audiodescrição é um recurso em que o elemento definitivo fica a cargo do tradutor (PAZ, 2009). Sendo, então, tradução, trata-se, conseqüentemente, de um elemento interpretativo.

Em termos de locução em audiodescrição voltada ao futebol, Costa (2015) chega à conclusão que

a melhor maneira de um DV [deficiente visual] assistir a uma partida de futebol seria uma audiodescrição com uma locução semelhante à irradiação. A audiodescrição foi considerada mais eficiente, porque trazia mais detalhes sobre os elementos visuais presentes no jogo, mas faltou nela a emoção que possibilita o envolvimento do espectador a uma partida de futebol (COSTA, 2015, p. 6).

Neste sentido, ao mesmo entendimento chega Leite (2016), ao relatar sua experiência de narrar, de forma audiodescritiva, jogos da Copa do Mundo de 2014, utilizando uma transmissão via rádio. Neste sentido, a autora entende que a locução audiodescritiva estabelece uma maior dinâmica entre o narrador e o ouvinte – no caso, a pessoa com deficiência visual. Contudo, Leite também expõe o *feedback* negativo, em termos de emoção na transmissão audiodescritiva, chegando a afirmar que usuários trocaram a estação para ouvir uma locução radiofônica, a qual já estavam acostumados (informação verbal)⁴⁹. Sobre tal ocorrido, Costa (2015, p. 68) indica que

[...] a maioria dos participantes prefere a narração do rádio, principalmente pelo ritmo, pelo tipo e volume de voz do locutor e por seu

⁴⁹ Informação fornecida por Mauana Leite, em sua mesa redonda, no 3º Encontro (Inter)Nacional de Audiodescrição, em Recife, Pernambuco, em abril de 2017.



ritmo de fala. Para os participantes, *provavelmente* [grifo nosso], são esses elementos que favorecem a emoção de se assistir a uma partida de futebol pelo rádio.

Em comparação às outras duas transmissões aqui discutidas, a partir do quadro a seguir, é possível analisar as características gerais da locução audiodescritiva:

Quadro 1 – Quadro comparativo

	Locução radiofônica	Locução televisiva	Locução audiodescritiva
Ritmo	Intenso	Desacelerado	Equilibrado
Tom narrativo	Exaltado	Moderado	Moderado
Intencionalidade	Emotiva	Comunicativa	Descritiva
Publicidade	Com publicidade	Com publicidade	Sem publicidade
Foco	Voltada para normovisuais	Voltada para normovisuais	Voltada para PcDVs
Perspectiva	O público se adapta ao conteúdo	O público se adapta ao conteúdo	O conteúdo é adaptado ao público

Fonte: extraído de Silva (2018, p. 27)

Em relação ao ritmo, a locução audiodescritiva é equilibrada (intermediando a intensidade da locução radiofônica e a desaceleração da locução televisiva); acerca do tom narrativo, é, assim como na locução televisiva, moderada, diferentemente do tom exaltado adotado pelos radialistas; tem intencionalidade descritiva, em comparação à intencionalidade emotiva do rádio e à intencionalidade comunicativa da TV; a locução audiodescritiva não tem publicidade, é voltada para as PcDVs e seu conteúdo é adaptado ao seu público, enquanto que nas outras duas transmissões em destaque há publicidade e elas são voltadas para normovisuais, sendo assim o público com deficiência visual tem que se adequar ao conteúdo. Em tempo, entende-se a possibilidade de acúmulo ou alternância de características de cada transmissão – por exemplo, a radiofônica tem intencionalidade emotiva, mas, por vezes, também se volta à comunicação ou à descrição.



Assim, Leite (2016, p. 32) explica que “Um grande desafio para o narrador [audiodescritivo esportivo] é ter a percepção e a sensibilidade para escolher o momento certo de abrir mão da locução esportiva e descrever outras ações”, que podem envolver o gramado, o juiz e os bandeirinhas, o treinador de ambas as equipes e as comissões técnicas, as torcidas, os movimentos de determinado jogador em dado momento do jogo, dentre outros elementos. Nesta perspectiva, a autora (ibid., p. 24) afirma que

A Narração Audiodescritiva é uma modalidade de locução idealmente transmitida via rádio – por Frequência Modulada – e diretamente dentro dos estádios. A transmissão via rádio possibilita que não exista um número máximo de usuários nem delimitação de área de cobertura, como acontece com a utilização de sistemas fechados de rádio, e que não haja atraso na transmissão. Isso possibilita que os usuários possam escolher de onde querem assistir à partida e que possam interagir com o jogo e os outros torcedores no mesmo momento em que as ações acontecem.

A partir de tais entendimentos, Costa (2015) e Leite (2016) expõem algumas lacunas informativas, principalmente acerca da locução radiofônica, que podem ser preenchidas pela locução audiodescritiva – sendo, talvez, a principal delas a questão da publicidade. Sobre esta, Costa (2015, p. 58) afirma que os anúncios publicitários fazem com que “o tempo real para a narração do jogo na irradiação seja de fato menor do que o da audiodescrição”, que, novamente, em comparação à outra, apresenta uma ampla riqueza de detalhes.

3 Análise de dados

Este trabalho analisou os registros de dois momentos do jogo entre Vitória x Ceará, ocorrido no dia 20 de maio de 2018, válido pelo Campeonato Brasileiro: um televisivo e outro radiofônico. Para o primeiro momento, a transmissão da TV, foi utilizada a locução de Thiago Mastroianni, com comentários de Gustavo Castellucci, ambos da emissora TV Bahia, filiada à Rede Globo de Televisão, para a transmissão da partida pelo Premiere Futebol Clube (canal por assinatura *pay-per-view*,

pertencente à Globosat)⁵⁰. Para a transmissão via rádio, a locução utilizada foi a de Ivanildo Fontes, da Equipe Galáticos – da Itapoan FM 97.5⁵¹, de Salvador.

3.1 Momento 1

O primeiro momento selecionado se refere ao primeiro gol do Vitória na partida, marcado por Wallyson, aos 20 minutos do primeiro tempo.



Figura 1 – O passe. Extraída de Silva (2018, p. 35)

O lance selecionado tem início a partir de um longo chute do goleiro Éverson, após um recuo de bola do zagueiro Luiz Otávio. Em meio a muita disputa, Wescley inverte o jogo, mas erra o lançamento. A bola fica com Neilton, do Vitória, que troca passes com André Lima e deixa Wallyson em claras condições de abrir o placar. Resultado (momentâneo): Vitória 1 x 0 Ceará.

O quadro a seguir transcreve o modo como as transmissões radiofônica e televisiva apresentaram o momento em questão. Na locução radiofônica, acontece

⁵⁰ O link para a transmissão televisiva da partida foi retirado do YouTube, com sua licença padrão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dNtowLoG02Q>>. Acesso em: 14 mar. 2020. Nesta transmissão, o momento 1 acontece entre 00:27:32 e 00:28:57 de vídeo; o momento 2, entre 00:39:42 e 00:41:35 de vídeo.

⁵¹ O link para a transmissão radiofônica da partida foi retirado do YouTube, com sua licença padrão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6TFIuYCOXl0&t=4512s>>. Acesso em: 14 mar. 2020. Nesta transmissão, o momento 1 acontece entre 01:14:40 e 01:16:25 de vídeo; o momento 2 acontece entre 01:26:33 e 01:28:47 de vídeo;



entre 00:39:42 e 00:41:35 de mídia, tendo uma duração de 00:02:07; na locução televisiva, acontece entre 00:27:32 e 00:28:57 de mídia, tendo uma duração de 00:01:25.

Quadro 2 – Transcrição das locuções do Momento 1

	Locução radiofônica	Locução televisiva
Transcrição das locuções	[Ivanildo Fontes] São vinte minutos do primeiro tempo. No placar de Pitu [inaudível] [...] também na internet.	[Thiago Mastroianni] Falei agora há pouco na transmissão que o Mancini é o treinador com mais jogos pelo Vitória, em Campeonatos Brasileiros. O Mancini está chegando hoje a cento e trinta e seis jogos comandando o Vitória. O treinador que mais comandou o Vitória na história é o Bengalinha, ali no final dos anos sessenta, início dos anos setenta. Duzentos e setenta e três jogos. O Mancini, no total, em todas as competições, tá fazendo hoje duzentos e quatro jogos. Olha que jogada!
	[vinheta] Vitória!	Wallysson entrou na área. Pode pintar! Tá na rede! Gooooooooooooooooool. E é do Vitória! É de Wallyson. Que precisão no passe! Wallyson ficou de cara. O Neilton disse: “Wallyson, vai lá, faz! Cumprimenta o goleiro Éverson”! Abre o placar o Vitória, aqui no Barradão, aos vinte minutos do primeiro tempo, com Wallyson. Categoria. Olhou. O Éverson ainda tentou fechar ali o lado direito, mas não deu. Um para o Vitória; zero para o Ceará!
	[Ivanildo Fontes] Zero.	
	[vinheta] Ceará!	
	[Ivanildo Fontes] Também zero. Olha a hora, minha gente: são onze e vinte e quatro.	
	[elemento sonoro]	
	[Plantonista] No italiano, trigésima oitava rodada, segundo tempo, Gênova x Torino, zero a zero.	
	[Ivanildo Fontes] Wallyson dominou, adiantou [grito da torcida], entrou, vai marcar, bateu, e é gol.	
	[vinheta] Vitória!	
	[Grito da torcida]	
	[Ivanildo Fontes] Gooooooooooooooooooooooooool.	
	[hino do Vitória]	
	[vinheta] Vitória!	
[Ivanildo Fontes] Pode vibrar, galera rubro-negra, porque o gol é [inaudível][...] é o futebol. Wallyson, camisa vinte e dois, na marca de 20 minutos do primeiro tempo. Agora, um para o Vitória, zero para o Ceará. E o		



detalhe do momento, Anderson Matos?

[Anderson Matos] A jogadaça pela esquerda; o cara *tava* mal o jogo todo, o tal do Wallyson, errando tudo. Na hora de acertar, foi preciso, como Rafael Machado. Neilton achou André Lima; ele invadiu ali o lado esquerdo no passe para Wallyson. Na linha da grande área, domina a bola, balançou mais um pouquinho, ajeitou o corpo, deu a chapa no canto esquerdo do goleiro Éverton, que nada pôde fazer. Abre o placar o Vitória, gol do Wallyson, agora tem um; nada para o Ceará, Ivanildo!

Fonte: extraído de Silva (2018, p. 36-37)

A partir do Quadro 2, intitulado “Transcrição das locuções do Momento 1”, é possível tirar algumas conclusões acerca das duas locuções apresentadas. A princípio, percebe-se que, no trecho selecionado da locução radiofônica, há alguns agentes: Ivanildo Fontes, o locutor; Anderson Matos, o repórter do jogo, e o plantonista, que informa os placares dos outros jogos. A transmissão radiofônica também se utiliza de recursos de complementação, com informações, comentários, publicidades e outros elementos que fazem parte do seu contexto.

Neste momento, da mesma forma que a transmissão televisiva, a radiofônica não narra o início da jogada: Ivanildo Fontes anuncia o placar momentâneo da partida, depois, o plantonista anuncia o placar de um jogo de outro campeonato. Novamente, a locução do momento em campo só se dá, de fato, quando Wallyson já está em direção à meta adversária. Após o gol, em meio a diversos elementos sonoros, Anderson Matos comenta a jogada, a fim de descrevê-la para o ouvinte.

No trecho selecionado da locução televisiva, por sua vez, só há um agente: o locutor Thiago Mastroianni, que também não narra grande parte da jogada que dá início ao gol do time baiano. No momento, o locutor corrige a informação de que Vagner Mancini seria o treinador que mais dirigiu o Vitória. A descrição do momento em campo só se dá, de fato, quando Wallyson já está em direção à meta adversária.



Em relação à transmissão radiofônica, enquanto o Ceará troca passes no campo do Vitória, sem intensidade em busca do gol, Ivanildo Fontes informa o tempo e o placar do jogo, antes de anunciar um patrocinador e obter informações sobre o resultado momentâneo de outra partida. Após este momento, acontece a locução da, até então, vitória parcial do rubro-negro baiano: “Wallyson dominou, adiantou [grito da torcida], entrou, vai marcar, bateu, e é gol”. Como não há a possibilidade de recursos visuais (que possam transmitir a repetição da imagem) que a TV pode oferecer ao espectador (normovisual), a transmissão radiofônica se vale de diversos elementos sonoros, a fim de propiciar um ambiente emocionante ao ouvinte, acessando seu imaginário – como o faz a Equipe dos Galáticos.

Já na transmissão televisiva, após o gol, o momento é exibido com *replay*, durante algumas vezes, em diferentes ângulos. O trecho é encerrado com a câmera que fica presa à rede. A locução é, então, complementada com informações, comentários, publicidades e outros elementos que fazem parte do contexto televisivo. Apesar de se levar em conta a relevância de tais componentes para esse tipo de transmissão, é possível afirmar que estes atuam como complemento, quando se julga uma menor importância de uma jogada.

A título de exemplificação, nesta mesma partida, enquanto o time alvinegro troca passes no campo do adversário, sem uma maior intensidade em busca do gol, Thiago Mastroianni divulga os resultados do Ceará na competição. Desta mesma forma, a locução só é, de fato, apresentada quando a bola já está nos pés de Wallyson, em vias de fazer o gol. Assim, Thiago Mastroianni tenta chamar a atenção do espectador (sem explicar como o momento se deu): “Olha que jogada! Wallyson entrou na área” – utilizando, inclusive, na primeira frase, um verbo que pode ser considerado como uma gafe, caso se tratasse de uma transmissão (narrativa audiodescritiva esportiva) voltada para pessoas com deficiência visual, ainda que se entenda que estes olham, enxergam e veem de outra forma.

Destarte, nas duas transmissões em questão, o que se tem do momento selecionado é que toda a construção da jogada é perdida, em ambos os veículos comunicativos. Portanto, as duas transmissões apresentam falhas, principalmente, considerando uma análise voltada para o público com deficiência visual, pois tanto a locução do rádio quanto a da TV não proporcionariam a compreensão adequada para tais indivíduos. Para estes, a locução audiodescritiva poderia, por exemplo,

responder a perguntas como: o que houve no início do momento?; Como Neilton recuperou a bola para o Vitória?; Qual foi a reação dos treinadores ao gol de Wallyson?; E os jogadores do time cearense, como reagiram?.

Em oposição às transmissões radiofônica e televisiva, a locução audiodescritiva não aborda estatísticas ou informações de momentos anteriores (CAFE, on-line). Nesta, também pode não haver os já consagrados longos gritos de “Gol”, há uma busca pela descrição dos detalhes das muitas ações visuais existentes naquele momento máximo de entusiasmo do futebol (LEITE, 2016). Segundo Leite (2016, p. 33), “o papel do Narrador Audiodescritivo na hora do gol é dosar a emoção do momento” com informações relevantes, que não são contempladas pelas outras duas transmissões aqui abordadas.

Assim, ainda que o momento em questão tenha sido descrito, de maneira superficial, pelo repórter da Equipe Galáticos, não há, em tal transmissão, um pensamento voltado para a inclusão sociocultural de uma pessoa com deficiência visual, o que, de fato, só vai ocorrer com a locução audiodescritiva.

3.2 Momento 2

O segundo momento selecionado se refere à parada técnica, aos 31 minutos do primeiro tempo, do jogo em questão: Vitória x Ceará.



Figura 2 – Parada técnica. Extraída de Silva (2018, p. 40)



Com o forte calor de Salvador (de um jogo começando às 11:00 horas da manhã), o juiz autoriza a parada técnica. Os jogadores se aproximam, então, dos seus respectivos bancos de reservas, em busca de hidratação, concomitantemente, ouvem as considerações e as orientações técnicas. O juiz se encaminha ao centro do gramado. O quadro a seguir revela como ambas transmissões trataram da continuação deste momento: na locução radiofônica, o recorte se dá entre 01:26:33 e 01:28:47 de mídia, tendo uma duração de 00:02:14; na locução televisiva, o recorte acontece entre 00:39:42 e 00:41:35 de mídia, tendo uma duração de 00:01:53.

Quadro 3 - Transcrição das locuções do Momento 2

	Locução radiofônica	Locução televisiva
Transcrição das locuções	<p>[Ivanildo Fontes] Valeu, Seu Dito Lopes. Aqui tem tiro de meta, aliás, tem parada técnica agora, <i>né</i>, Seu Anderson?</p> <p>[Anderson Mattos] Perfeito. Parada técnica. Claro, <i>né</i>? Esse <i>solção aí</i>. Passou até muito tempo, Ivan. Geralmente, para em vinte e cinco minutos, mais ou menos. Parada técnica para hidratação dos atletas, tanto do Vitória quanto do Ceará. <i>Tá</i> um a zero. Vai vencendo o Vitória; gol do Wallyson, passe do Neilton. Falamos em nome de Pitu, viva a resenha do São João.</p> <p>[Ivanildo Fontes] Eu <i>tou</i> aqui todo molhado, ouviu, rapaz? Todo molhado, <i>tu</i> encharcado de suor, <i>que né</i> brinquedo, não. Sol de frente, <i>né</i>? Poente, pela manhã, evidentemente. Só depois do meio dia que o sol vira <i>pro</i> outro lado, e aí a gente vai ter sombra aqui. Aliás, o estádio de um time com a grandeza, <i>né</i>, do Esporte Clube Vitória já merecia, <i>né</i>, instalar aqui nas cabines de rádio um <i>ar-condicionadozinho</i>. Aliás, <i>tá</i> (sic) até dizer aqui, <i>né</i>, colocado na cabine, que diz o seguinte: “Ao sair da sala,</p>	<p>[Thiago Mastroianni] O árbitro paralisa para que os jogadores possam ser atendidos, e a gente aproveita e revê aquele momento em que saíram os dois cartões amarelos, por essa briga aí, <i>ó</i>. Kanu com André Lima; o Jeferson tentando apartar. O André Lima sendo contido pelo Willian Farias. E aí o Marcelo de Lima Henrique [o árbitro da partida] chama: “Vem cá, vem cá”. Aí aplica cartão amarelo <i>pro</i> André e <i>pro</i> Kanu. O Willian não gosta e diz assim “Eles estão discutindo. Eles não podem? É normal, não podem reclamar um com o outro”? Não pode, <i>né</i>, Gustavo? Dessa forma, acintosa, não.</p> <p>[Gustavo Castellucci] É, a interpretação dele foi essa. Geralmente, a gente, esse tipo de, de, de punição, <i>né</i>, de cartão amarelo para dois jogadores que discutem no mesmo time, geralmente é quando tem um empurra-empurra, algo mais quente, <i>né</i>? A gente percebeu ali que há uma discussão, claro, é... O Kanu queria partir <i>pra</i> cima do, do, do André Lima, <i>né</i>? Então, o juiz interpretou dessa forma. Cartão bem aplicado.</p>



	<p>apague as luzes e desligue o ar-condicionado. Cuide do nosso patrimônio. Esporte Clube Vitória”. Só que não tem ar-condicionado, né? Mais tarde melhora, porque bate uma fresca, e aqui a gente já fica a favor da sombra e contra o sol, somente pela manhã. Ainda bem! Vamos para Cabelinho, no meio da galera, com essa parada técnica! Alô, Cabelinho.</p> <p>[Cabelinho] Muito bem, Ivanildo. Hora técnica, hora da galera beber água mineral. A milagrosa água mineral. <i>Tou</i> aqui com o meu amigo Gugu Dória, conhecido muito lá em Cajazeiras [bairro de Salvador]. Primeiro tempo, até aqui, um a zero Vitória. Vitória lhe agrada, Gugu? Bom dia.</p> <p>[Gugu Dória] Bom dia, bom dia. Até agora, <i>tá</i> agradando, né? E <i>vamo pra cima</i>, pra cima, <i>Nego</i> [apelido do Vitória]. E aí é três a zero hoje, é lâmina.</p> <p>[Cabelinho] Bacana. Só mais um aqui, rapidinho, Ivan. <i>Tou</i> aqui com o nosso amigo João Borja, de Feira de Santana. Veio de lá de Feira, ouvindo os Galáticos, e <i>tá</i> aqui no estádio agora, no <i>fonezinho</i> de ouvido. Um a zero. O Vitória lhe agrada, até aqui? Um a zero, né? Aquele placar, né, que realmente deixa o torcedor, né, com aquele sentimento de botar logo dois, mas lhe agrada o Vitória? Bom dia!</p> <p>[João Borja] Bom dia. Estamos confiantes. O Vitória hoje, com certeza, vai reverter, e vamos <i>pra cima</i>. Leão, o grupo Leões da Barra, um abraço, galera, e <i>vamo pra cima</i>, Leão!</p> <p>[Cabelinho] Valeu, João. Vou lhe presentear com um chaveiro bacana aqui da Sérgio's Car Veículos. Bacana aí o presente da Equipe dos Galáticos.</p>	<p>[Thiago Mastroianni] <i>Vamo</i> ouvir um pouquinho o Vagner Mancini? <i>Vamo</i> lá.</p> <p>[inaudível] [discussão entre jogadores do Vitória]</p> <p>[Thiago Mastroianni] Tá aí, todo clima, intimidade do treinador, a orientação que ele passa aos jogadores, e os próprios jogadores discutindo entre eles. <i>Vamo</i> ouvir o Marcelo Chamusca também.</p> <p>[inaudível] [orientações de Marcelo Chamusca]</p> <p>[Thiago Mastroianni] Tá aí a orientação de Chamusca: “Trabalha um pouquinho mais a bola”.</p>
--	--	--



	[João Borja] Obrigado, Cabelinho. Um abraço, Galáticos. [Cabelinho] Valeu, Ivan. Por aqui, torcedor, ligou o rádio agora? Vitória um; Ceará zero.	
--	--	--

Fonte: extraído de Silva (2018, p. 41-42)

A partir do Quadro 3, intitulado “Transcrição das locuções do Momento 2”, no trecho destacado da locução radiofônica, há a participação de cinco agentes, sejam eles internos ou externos à transmissão: Ivanildo Fontes, o locutor; Anderson Matos, o repórter do jogo; Cabelinho, o repórter de arquibancada; e dois torcedores, Gugu Dória e João Borja; além dos comentários de Dito Lopes (que não entraram na transcrição). Não há sequer uma abordagem acerca da parada técnica, que é apenas informada. Ivanildo Fontes trata, então, de tecer comentários sobre a alta temperatura e a falta de um ar-condicionado na cabine de imprensa do Barradão; já Cabelinho entrevista dois torcedores, que opinam sobre a postura do Vitória na partida.

Na locução televisiva, por sua vez, há dois agentes: o locutor Thiago Mastroianni e o comentarista Gustavo Castellucci; bem como a participação (em off) dos jogadores das duas equipes, tanto discutindo, quanto ouvindo orientações dos seus respectivos técnicos, no momento da parada técnica.

Em relação às transmissões, a radiofônica não tem a oportunidade de rever situações, voltar, trabalhar com o *replay*, a fim de conduzir o espectador a outros momentos, quando julgam que não há outra jogada mais interessante. Assim, a transmissão radiofônica se vale de recursos outros, como comentários e entrevistas de torcedores. A fala passa, então, entre locutor, repórter do jogo, repórter de arquibancada e até torcedores.

Anderson Matos resume a partida, anuncia o patrocinador e manda a palavra de volta ao locutor, que a entrega ao repórter de arquibancada: Cabelinho. Neste momento, a transmissão faz uso de diversos recursos, a fim de envolver o ouvinte, já que não há nenhum momento de jogo acontecendo. Portanto, a transmissão radiofônica passa longe de abarcar o espectador com deficiência visual, já que



muitas ações visuais acontecem quando os técnicos orientam seus jogadores, à beira do gramado.

Já a transmissão televisiva faz uso de alguns recursos próprios, como o comentário de momentos anteriores e o *replay*. Conseqüentemente, não informa ou descreve o que está acontecendo no momento da parada técnica. Assim sendo, enquanto os treinadores orientam as suas equipes, Thiago Mastroianni e Gustavo Castellucci abordam o momento anterior, polêmico, em que dois jogadores do Vitória, André Lima e Kanu, discutem. O locutor afirma, então: “a gente aproveita e revê aquele momento em que saíram dois cartões amarelos, por essa briga aí, ó”.

Só depois de esgotar as imagens e as informações do momento anterior é que a parada técnica é enquadrada em câmera – e o silêncio da dupla dá lugar à orientação de cada treinador. Logo, o destaque maior é para o momento passado, não para aquele presente. Por meio da redução do verbo *olhar* (conjugado no imperativo), “ó”, como um recurso da oralidade, há o entendimento de que o jogo está sendo assistido, afinal, esse é o propósito da transmissão televisiva. Cabe, então, interpretar que o locutor televisivo não considera a possibilidade de um espectador com deficiência visual estar sentado ao sofá, em frente à TV, assistindo à partida (ao seu modo). O que está acontecendo, naquele momento, parece não ser tão interessante para a transmissão.

As duas transmissões destacadas proporcionam diferentes representações para um mesmo momento. De outro modo, mais detalhista, a locução audiodescritiva poderia apresentar o que, exatamente, aconteceu – por exemplo: enquanto o jogo está parado, o que faz o juiz?; O que fazem os torcedores?; E o gandula, à beira do gramado?; O que acontece com os outros jogadores, que estão no banco de reserva?; De que forma os técnicos falam com seus jogadores: mais calmos ou mais agitados?; Qual a reação dos jogadores, ao ouvir as instruções?; Como se portam os outros membros da comissão técnica?; E os jornalistas e radialistas, também à beira do gramado, o que eles fazem, no momento da conversa entre toda a equipe?.

Apesar de se tratar de um alto número de perguntas, a locução audiodescritiva teria condição de atender a todas e responder mais algumas. Como afirma Leite (2016, p. 35), “a Narração Audiodescritiva pretende descrever o maior número possível de ações”, a fim de criar no espectador com deficiência visual a



sensação ou imagem mental mais próxima do momento. Nesta perspectiva, há o objetivo de reproduzir o momento, independentemente de qual seja (e ainda que se trate de uma interrupção da partida), a fim de respeitar o entendimento do seu público primário: a pessoa com deficiência visual. Assim, espera-se que a locução audiodescritiva consiga se posicionar, de fato, como mais um meio de comunicação esportiva, mais ampla e mais acessível do que os já existentes.

Considerações Finais

Com base nas análises efetuadas, é possível afirmar que ambas as locuções aqui trabalhadas, a radiofônica e a televisiva, podem, sim, ser um recurso para as PcDVs, porém não em sua totalidade. Em outras palavras, na possível falta de outra opção com acessibilidade, tais transmissões podem contribuir, como já o fazem, ainda que sem intencionalidade. Afinal, a transmissão de uma partida de futebol, seja ela radiofônica ou televisiva, possibilita que o torcedor que não está no estádio acompanhe seu time (ou, simplesmente, aquele jogo).

Por não serem pensadas para tal finalidade, as duas locuções pecam, principalmente, na falta de informações – quando se pensa numa transmissão realmente voltada para pessoas com deficiência visual. Porém, a acessibilidade destes casos pode se fazer presente por meio da locução audiodescritiva, que pode dar conta de bastante informação, a fim de identificar as feições do jogador, as expressões dos técnicos à beira do gramado, a comemoração do artilheiro no momento do gol e quaisquer detalhes que possam contribuir para uma melhor compreensão da partida (particularidade que não é favorecida pelas transmissões radiofônica e televisiva).

Sobre estas, não têm a intenção de descrever os detalhes dos momentos de uma partida (como pretende a locução audiodescritiva). Tem-se, então, duas locuções normovisuais. Tal fato, combinado à necessidade de publicidade, faz com que seja relativamente frequente perder um momento importante ou que ele seja descrito com atraso, depois do ocorrido, devido às muitas interrupções que também podem acontecer. Da mesma forma, se a transmissão televisiva comentasse as imagens mais do que já o faz, poderia ser considerada ainda mais redundante. Para esta, o ideal seria a relativização, por exemplo, com o uso da publicidade. É sabida a



necessidade de patrocínio para transmissões radiofônicas e televisivas, principalmente pela questão financeira, mas, em diversos momentos, há uma opção pela não locução.

Entende-se, assim, que uma das lacunas das transmissões via rádio e via TV tem início na publicidade, já que este é um fator bastante relevante para o contexto. Porém, é importante compreender que existe outro público, que não apenas o normovisual. Desta forma, seria possível reverter o quadro de tantas informações perdidas, ao longo da partida (inclusive quando acompanhadas de expressões relacionadas à visão, como “Olha o que ele fez”), uma vez que o locutor passaria a narrar, de fato, o que estava acontecendo. Ainda assim, em termos de acessibilidade, a dificuldade da questão perpassa por equacionar a dinâmica do rádio e da TV com a necessidade de atendimento ao público com deficiência visual.

Por outro lado, também é importante pensar na locução audiodescritiva para os outros dois veículos de comunicação aqui abordados. Por meio das pesquisas de Celso (2015) e Leite (2016), foi possível ratificar que um elemento imprescindível na locução é a emoção – e que esta deveria ser o caminho para a audiodescrição neste seguimento, talvez até mesmo apoiada pelos anos de uso e pelos apelos das duas locuções em questão.

Desta forma, há de se pensar, por exemplo, numa impostação de voz do narrador audiodescritivo, como a dos locutores de rádio ou TV. Tal fato ampliaria a possibilidade de outras discussões audiodescritivas, inclusive neste trabalho. Contudo, também há de se ter em conta o contraste da efetiva experiência entre a profissão de locutor esportivo, com teoria e anos de prática, e o trabalho de narrador audiodescritivo, um profissional iniciante, com a rasa base teórica na área de AD para o futebol, em meio a uma prática quase inexistente no país.

O presente trabalho teve, portanto, a intenção de identificar as lacunas das locuções aqui destacadas que pudessem ser preenchidas pela locução audiodescritiva, tendo, obviamente, com esta, finalidades diferenciadas. Considera-se, deste modo, que, entre outros, tal objetivo foi atendido – sendo este, inclusive, a principal contribuição deste artigo para a área da audiodescrição. Em termos mais amplos, não houve aqui a intenção de propor uma locução audiodescritiva para os momentos em questão, por acreditar que, conseqüentemente, tal ato deveria ocorrer numa investigação acadêmica mais detalhada, pela locução em si e suas



vertentes: seu ritmo, sua intencionalidade (como motivação) e o tom de voz do narrador. Tem-se, aqui, portanto, uma projeção ou sugestão para pesquisa(s) futura(s).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 16452: Acessibilidade na comunicação – Audiodescrição. Rio de Janeiro, 2016, 19 p.

BASS, Anderson Rocha. vitória x Ceará. 2018. (2h09m17s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dNtowLoG02Q>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BLOG DA AUDIODESCRIÇÃO. site. Copa do Mundo da Rússia também terá audiodescrição. Disponível em: <<http://www.blogdaaudiodescricao.com.br/2018/06/copa-do-mundo.html>>. Acesso em 14 mar. 2020.

CAFE – CENTRE FOR ACCES TO FOOTBALL IN EUROPE. Comentário áudio-descritivo. Disponível em: <<http://www.cafefootball.eu/pt-pt/comentario-audio-descritivo>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

CAFE – CENTRE FOR ACCES TO FOOTBALL IN EUROPE. Introducing ADC at a club: AC Milan case study. 2019. Disponível em: <<https://www.cafefootball.eu/news/implementing-adc-at-ac-milan-case-study-published>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

COSTA, Celso André Nóbrega da. A audiodescrição e/ou irradiação de jogo de futebol: qual o recurso mais acessível para cegos? 2015. 265f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada.). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

COSTA, Celso André Nobrega da; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. Audiodescrição de jogos de futebol: um estudo de recepção. **Transversal**: Revista em Tradução, Fortaleza, v. 5, n. 9, p. 25-39, 21 ago. 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/transversal/article/view/41945/99215>. Acesso em: 14 mar. 2020.

DAMASO, Michelle Cristina de M. C. As barreiras arquitetônicas como entraves na inclusão de alunos com deficiência física. 2011. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

DÍAZ CINTAS, Jorge. Por una preparación de calidad en accesibilidad audiovisual. **TRANS. Revista de Traductología**, Málaga, n. 11, p. 45-59, 2007,



FIFA. site. Les malvoyants profiteront pleinement de la Coupe du Monde. Disponível em: <<https://fr.fifa.com/worldcup/news/les-malvoyants-profiteront-pleinement-coupe-monde-2300558>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

FRANCO, Eliana; SILVA, Manoela C. Carvalho da. Audiodescrição: breve passeio histórico. In.: MOTTA, Lívia Maria V. de Mello; FILHO, Paulo Romeu (org.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos direitos da pessoa com deficiência do estado de São Paulo, 2010.

GLOBOESPORTE. Vitória bate o Ceará no Barradão e deixa a zona de rebaixamento da Série A. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/ba/futebol/brasileirao-serie-a/jogo/20-05-2018/vitoria-ceara.ghtml>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

GUERRA, Márcio de Oliveira. Rádio x TV: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1438-1.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

GUERRA, Márcio; VARDIERO, Talison; PASCHOALINO, Christiane. Audiodescrição no esporte: instrumento de inclusão social e estratégia de marketing para os clubes. (Anais) XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo, 2016.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: VENUTI, Lawrence. **The translation Studies Reader**. Nova Iorque: Routledge, 1959 p. 113-118.

LEITE, Mauana Simas de Meira. Narração audiodescritiva e a experiência de pessoas com deficiência visual em estádios de futebol. 2016.. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Acessibilidade Cultural) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

MICHALEWICZ, Irena. Audiodeskrypcja po Euro 2012 – zawrotne tempo akcji czy para wgwizdek?. Przekładaniec, n. 28, 2014. Disponível em: <www.ejournals.eu/Przekladaniec>. Acesso em: 15 mar. 2020.

MOTTA, Bruno Gouveia. Narração de futebol no Brasil em rádio e TV. 2012. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Comunicação Social – Ênfase em Jornalismo) – Universidade Federal do rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NEVES, Josélia. Guia de Audiodescrição Imagens que se Ouvem. Portugal, Leiria: INR/IPL, 2011.

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício, São Paulo, v. 4, n. 13, p. 170=174. set/out/nov/dez. 2012. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/viewFile/154/139>>. Acesso em: 14 mar. 2020.



PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

POZZOBON, Graciela. Audiodescrição e voice over no Festival Assim Vivemos. In.: MOTTA, Lívia Maria V. de Mello; FILHO, Paulo Romeu (Org.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos direitos da pessoa com deficiência do estado de São Paulo, 2010.

REBOUÇAS, Brenno. site. Esporte acessível. Castelão implementa projeto de acessibilidade para cegos no estádio. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2017/05/esporte-acessivel-castelao-implementa-projeto-de-acessibilidade-para.html>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

RODRIGUES, Francisca Íkara Ferreira; SILVA, Erotilde Honório. A popularização do Rádio no Ceará na década de 1940. In: KLOCKNER, Luciano; PRATA, Nair (Org.). História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 558 p.

ROMERO, Rosana Aparecida S.; SOUZA, Sirleine Brandão de. Educação inclusiva: alguns marcos históricos que produziram a educação atual. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., 2008 [S.l.]. Anais... [S.l.]: EDUCERE, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/447_408.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16. Disponível em: <https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SCHETINI, Vivian. Rádio e televisão: levando emoção ao torcedor de futebol. Juiz de Fora: UFJF, 2006,

SCHWARTZ, Letícia. Da arte de fazer rir: Uma reflexão acerca do humor na audiodescrição de filmes de comédia. In.: (Org.) CARPES, Daiana Stockey. Audiodescrição: práticas e reflexões. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

SCHWARTZ, Letícia. O outro lado da moeda. In.: MOTTA, Lívia Maria V. de Mello; FILHO, Paulo Romeu (Org.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos direitos da pessoa com deficiência do estado de São Paulo, 2010.

SILVA, Ednelson Florentino da. Narração esportiva no rádio: subjetividade e singularidade do narrador. 2008. 154f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2008.

SILVA, Manoela C. Carvalho da; BARROS, Alessandra. Formação de audiodescritores consultores: inclusão e acessibilidade de ponta a ponta. **Revista da FAEBA**, v. 26, n. 50, set./dez, 2017.



SILVA, Marcos Alexandre Sena da. Audiodescrição no futebol: uma análise comparativa entre as locuções radiofônica e televisiva no jogo Vitória x Ceará. 2018. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em 2018) – Universidade Estadual do Ceará. 2018.

SOARES, Edleuza. **A bola no ar**. São Paulo: Summus, 1994.

SOU Vitória. Assistir Vitória x Ceará Aovivo Narração, Campo Virtual e estatísticas. 2018. (2h57m23s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6TFIuYCOXl0&t=4509s>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

Biografia dos autores

Marcos Alexandre Sena da Silva é doutorando em Língua e Cultura, na Universidade Federal da Bahia (UFBA); possui mestrado em Língua e Cultura (2018); é especialista em Tradução em Língua Espanhola, pela Universidade Gama Filho (2013), e em Tradução Audiovisual Acessível – Audiodescrição, pela Universidade Estadual do Ceará (2018); possui bacharelado (2011) e licenciatura (2018) em Letras Vernáculas (UFBA) – e é membro do grupo TRAMAD (Tradução, Mídia e Audiodescrição), da UFBA.

Bruna Leão é doutora em Linguística Aplicada (2018), mestre em Linguística Aplicada (2012) e graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Ceará. É formada em Artes Cênicas pelo Centro de Pesquisa em Artes Cênicas do Ceará (2003). É integrante do Grupo LEAD – Legendagem e Audiodescrição da UECE. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Tradução Audiovisual, atuando principalmente nos seguintes temas: tradução audiovisual, acessibilidade, audiodescrição, legendagem para surdos e ensurdecidos.